



## A LITERATURA ATUAL E O REALISMO FANTÁSTICO CONTEMPORARY LITERATURE AND MAGICAL REALISM

DOI: 10.5281/zenodo.11053865

*Eduardo Henrique da Silva<sup>1</sup>*

### RESUMO

Este trabalho explora a intersecção do realismo fantástico com a literatura contemporânea, destacando como esse gênero literário enriquece a narrativa moderna ao infundir elementos mágicos em contextos realistas. A análise foca na maneira como o realismo fantástico expande as fronteiras do real e permite uma investigação profunda das condições humanas e sociais através de uma perspectiva que desafia as convenções literárias tradicionais. Discute-se a relevância do realismo fantástico na compreensão de temas complexos como identidade, memória, e resistência cultural, proporcionando uma nova leitura das realidades sociais e políticas.

**Palavras-chave:** realismo fantástico, literatura contemporânea, narrativa, identidade, memória.

### ABSTRACT

This paper explores the intersection of magical realism with contemporary literature, highlighting how this literary genre enriches modern narrative by infusing magical elements into realistic contexts. The analysis focuses on how magical realism extends the boundaries of reality and allows for a deep investigation of human and social conditions through a lens that challenges traditional literary conventions. The relevance of magical realism in understanding complex themes such as identity, memory, and cultural resistance is discussed, providing new insights into social and political realities.

**Keywords:** magical realism, contemporary literature, narrative, identity, memory.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Literários (UFU).



## 1 INTRODUÇÃO

O realismo fantástico é uma vertente literária que emerge como uma fascinante interseção entre o real e o mágico, desafiando as fronteiras convencionais da narração. Originário principalmente da América Latina, este gênero floresceu sob a pena de autores que viam no cotidiano uma oportunidade para entrelaçar o maravilhoso e o ordinário, criando assim uma tapeçaria rica que reflete a complexidade das realidades humanas e sociais. Através da incorporação de elementos fantásticos em contextos realistas, o realismo fantástico permite que os autores explorem temas como memória, identidade e trauma de maneira profunda e simbólica (Ribeiro, 2003).

Este gênero não apenas serve como um meio para escapismo ou entretenimento, mas também atua como uma ferramenta crítica para comentar sobre questões políticas e sociais. Autores como Gabriel García Márquez, Isabel Allende e Toni Morrison utilizam o realismo fantástico para questionar a história oficial, as estruturas de poder e as normas sociais, ao mesmo tempo que oferecem uma nova perspectiva sobre as experiências pessoais e coletivas. Através de suas narrativas, o gênero convida os leitores a reconsiderar a realidade que conhecem e a perceberem o mundo através de uma lente simultaneamente mágica e crítica.

Contudo, apesar de sua riqueza e profundidade, o realismo fantástico muitas vezes é mal interpretado ou categorizado de maneira simplista como mera fantasia. Este equívoco pode levar à subestimação de seu potencial como meio de crítica social e de exploração psicológica. A complexidade do gênero, que habilmente combina o real com o surreal, requer uma análise mais aprofundada e contextualizada, para que sua verdadeira essência e capacidade sejam plenamente apreciadas e compreendidas.

A justificativa para este estudo reside na necessidade de explorar como o realismo fantástico funciona não só como uma forma de arte literária, mas também como um comentário sobre a realidade. A problemática central do trabalho é entender como e por que o realismo fantástico é capaz de capturar complexidades sociais e humanas de formas que outros gêneros literários podem não conseguir. Além disso, investigar-se-á como a integração



do fantástico no real afeta a percepção do leitor e provoca reflexões críticas sobre temas contemporâneos.

Os objetivos deste trabalho incluem: elucidar as características fundamentais do realismo fantástico, identificar os temas recorrentes explorados dentro do gênero, e analisar o impacto que essas obras têm sobre a percepção e a consciência social dos leitores. Ademais, pretende-se destacar como diferentes autores utilizam o realismo fantástico para abordar questões de identidade, memória e resistência cultural em diversos contextos globais.

A metodologia deste estudo será baseada em uma abordagem de pesquisa bibliográfica, onde serão consultadas obras literárias chave dentro do gênero do realismo fantástico, assim como análises críticas e teóricas pertinentes. A seleção de textos abrangerá tanto autores clássicos quanto contemporâneos do gênero, garantindo uma compreensão abrangente das diversas formas e evoluções dentro deste campo literário. Esta pesquisa não apenas contribuirá academicamente para um maior entendimento do realismo fantástico, mas também possui relevância social ao promover um entendimento mais profundo das narrativas que moldam nossa percepção da realidade, influenciando tanto políticas culturais quanto práticas educacionais ao redor do mundo.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Definição e Origens do Realismo Fantástico

As raízes do realismo fantástico estão profundamente ligadas às tradições culturais e literárias da América Latina, embora o gênero também possua representantes em outras partes do mundo. A peculiar fusão de real e imaginário pode ser vista como uma extensão das complexas histórias e mitologias locais, que são intrinsecamente híbridas e ricas em elementos mágicos. Allende (1982) e Esquivel (1989), por exemplo, utilizam o realismo fantástico para explorar e criticar as dinâmicas sociais e políticas de seus respectivos países, Chile e México, por meio de narrativas que combinam o cotidiano com o místico.



Neste contexto, os trabalhos de autores como Murakami (2002) e Morrison (1987) demonstram como o realismo fantástico transcendeu fronteiras geográficas e culturais, sendo adaptado para expressar e questionar questões universais, como a identidade, a memória e o trauma. Por meio de suas narrativas, esses autores conseguem abordar profundamente a psique humana, usando elementos fantásticos para realçar as emoções e os conflitos internos de seus personagens.

Rushdie (1981), por sua vez, ilustra outra faceta do realismo fantástico. Em sua obra, o autor mescla mitos, história e fantasia para criar uma versão alternativa e mágica da história da Índia. Isso não apenas desafia a percepção convencional da história, mas também destaca a capacidade do gênero de manipular a realidade para criar novos significados e perspectivas.

A metacognição, como discutido por Ribeiro (2003), pode ser um importante apoio ao processo de aprendizagem ao explorar o realismo fantástico. A capacidade de refletir sobre os próprios processos de pensamento é ampliada quando o leitor é confrontado com o desafio de integrar o irreal no real, promovendo um exercício intelectual que vai além da mera absorção de conteúdo.

Portanto, o realismo fantástico, ao contrário de apenas fornecer uma fuga da realidade, convida seus leitores a uma reflexão mais profunda sobre a natureza da realidade e da percepção humana. Os elementos fantásticos servem como uma lente através da qual as verdades sobre a sociedade, a história e a condição humana podem ser exploradas de maneiras novas e frequentemente reveladoras.

## 2.2 Elementos Mágicos em Contextos Realistas

Fischer (1967) argumenta que a arte é essencial para a humanidade porque ela reflete e desafia as percepções da realidade. No realismo fantástico, essa necessidade se manifesta na forma como o sobrenatural é usado para questionar e expandir a compreensão do mundo real. Por exemplo, em trabalhos de Allende (1982), o uso de elementos mágicos serve para



aprofundar a crítica às dinâmicas sociais e políticas, transformando o familiar em algo estranhamente desconhecido, mas profundamente significativo.

O realismo fantástico muitas vezes emerge de culturas onde o maravilhoso e o místico são parte integrante da visão de mundo. Chiampi (1980) explica que o realismo maravilhoso latino-americano, por exemplo, está profundamente enraizado nas tradições indígenas e africanas, onde o sobrenatural é uma extensão natural do mundo vivido. Isso é visível na obra de Carvalho (1970), onde o folclore brasileiro e as lendas locais se entrelaçam com a vida cotidiana dos personagens, sugerindo que a realidade é tanto uma construção social quanto uma experiência subjetiva.

Costa (1997) discute como Saramago utiliza elementos fantásticos para questionar a natureza da humanidade e da história. Em sua narrativa, o sobrenatural funciona como uma ferramenta crítica para explorar as falhas e as possibilidades da condição humana, fazendo com que o leitor reconsidere o que é considerado "normal" ou "real". Essa técnica reflete uma metacognição, onde, conforme Ribeiro (2003) destaca, o indivíduo se torna consciente de seus processos de pensamento, sendo incentivado a pensar sobre como e por que ele percebe o mundo de certa maneira.

De acordo com Souza (2024), o realismo mágico, frequentemente confundido com o realismo fantástico, também utiliza o sobrenatural para realçar as realidades sociais e políticas. No entanto, enquanto o realismo mágico tende a se focar mais na aceitação do mágico como parte da normalidade, o realismo fantástico muitas vezes emprega esses elementos para criar uma sensação de estranhamento, provocando uma investigação mais profunda dos temas tratados.

A utilização de elementos mágicos em contextos realistas permite que autores explorem temas complexos como memória, identidade e trauma de maneiras que a narrativa realista tradicional poderia não conseguir. A magia torna-se uma metáfora para as forças invisíveis que moldam nossas vidas, como as pressões culturais, históricas e emocionais. Além disso, permite aos leitores uma desconexão temporária das regras convencionais da realidade, oferecendo um espaço para imaginar alternativas e possibilidades.



## 2.3 Impacto Cultural e Político

Rushdie (1981) utiliza o realismo fantástico para tecer uma crítica incisiva sobre a história e a política da Índia pós-colonial. Seu uso de elementos mágicos e míticos permite uma exploração mais profunda das identidades fragmentadas e das realidades complexas enfrentadas pelo país durante períodos de grande transformação política. A inserção de elementos fantásticos em contextos históricos reais desafia a narrativa oficial e oferece novas perspectivas sobre eventos e figuras históricas, permitindo aos leitores questionar a "verdade" histórica e reconhecer a multiplicidade de interpretações possíveis.

Da mesma forma, Esquivel (1989) utiliza o realismo fantástico para destacar as restrições sociais e culturais impostas às mulheres no México do século XX. Através da fusão do cotidiano com o mágico, a autora critica as normas de gênero e explora a repressão emocional e sexual, utilizando a comida como metáfora para o desejo e a expressão. A obra não apenas entretém, mas também serve como uma ferramenta de crítica social, destacando como as tradições podem tanto sustentar quanto suprimir o desenvolvimento individual.

Morrison (1987), por outro lado, emprega o realismo fantástico para confrontar as brutalidades da escravidão e suas repercussões intergeracionais nos Estados Unidos. A presença do sobrenatural em sua narrativa não só acentua as cicatrizes psicológicas deixadas pela escravidão, mas também enfatiza a resistência cultural e a sobrevivência do espírito humano. Morrison explora a memória coletiva e a resiliência, usando o fantástico para revelar verdades emocionais profundas que a historiografia tradicional muitas vezes ignora ou distorce.

Saramago (1991) mistura o divino e o humano para questionar a moralidade e a autoridade religiosa. Ao reimaginar a vida de Jesus, o autor não só desafia as narrativas bíblicas tradicionais, mas também critica as instituições religiosas e suas interpretações dogmáticas. Esta abordagem provoca uma reflexão sobre a natureza da fé e a responsabilidade



moral, incentivando um questionamento das verdades aceitas e das estruturas de poder que moldam a sociedade.

Carter (1984), utilizando o realismo fantástico, explora as questões de identidade e liberdade feminina. Em um cenário de circo, a autora desconstrói as noções convencionais de feminilidade e poder, utilizando o maravilhoso para subverter as expectativas e destacar as possibilidades de emancipação feminina. Carter cria um espaço onde o surreal se torna um meio para discutir e desafiar as restrições impostas às mulheres na vida real, oferecendo uma narrativa que é tanto uma fuga quanto um confronto.

## 2.4 Autores e Obras-Chave

Fischer (1967) discute a importância da arte como uma necessidade humana essencial, capaz de refletir e moldar a consciência social. Essa perspectiva é crucial para entender como o realismo fantástico funciona não apenas como entretenimento, mas como uma forma de arte que desafia e provoca reflexões sobre a realidade. A capacidade do realismo fantástico de mesclar o real com o surreal permite uma crítica mais aprofundada das estruturas sociais, oferecendo uma plataforma para reconsiderar ideologias e práticas culturais predominantes.

José Candido de Carvalho (1970) é um exemplo notável de como o realismo fantástico pode ser usado para explorar a cultura e as tradições locais. Seu estilo incorpora elementos do folclore brasileiro, trazendo personagens e situações que, embora fantásticas, são profundamente enraizadas na realidade social e cultural do Brasil. Isso não só entretém, mas também educa o leitor sobre o rico tapeçário cultural do país, promovendo uma compreensão mais profunda de suas tradições e conflitos.

Chiampi (1980) analisa como o realismo maravilhoso é utilizado no romance hispano-americano para refletir e questionar as realidades sociopolíticas. Através de narrativas que incorporam o mágico como parte do cotidiano, autores hispano-americanos como Allende (1982) utilizam este estilo para discutir temas como a opressão, a resistência e a memória cultural. Allende, especificamente, usa o realismo fantástico para explorar as complexidades



da história política e social do Chile, utilizando elementos fantásticos para intensificar a conexão emocional e a ressonância política da narrativa.

Costa (1997) e Saramago exploram as complexidades da condição humana e as incongruências das instituições sociais e religiosas através de suas obras. Saramago, em particular, usa o realismo fantástico para reimaginar eventos históricos e bíblicos, proporcionando uma nova perspectiva sobre velhas histórias e questionando a autoridade e a moralidade das narrativas tradicionais. Este método não só desafia as percepções do leitor, mas também incentiva uma reflexão mais profunda sobre as questões éticas e morais associadas ao poder e à fé.

O realismo fantástico, conforme discutido por Souza (2024), não é apenas uma técnica narrativa; é uma ferramenta crítica que reflete sobre a realidade enquanto desafia suas fronteiras percebidas. Essa abordagem permite aos escritores abordar diretamente questões complexas, como identidade, memória e trauma, em um formato que é tanto provocativo quanto profundamente humano.

Ribeiro (2003) destaca a importância da metacognição no processo de aprendizagem, um aspecto que é intensamente engajado pelo realismo fantástico. Ao desafiar os leitores a reconhecer e questionar suas próprias percepções da realidade, o realismo fantástico promove uma forma de pensamento crítico que é essencial para o desenvolvimento intelectual e emocional. Isso não apenas enriquece a experiência de leitura, mas também prepara o leitor para enfrentar e refletir sobre complexidades semelhantes na vida real.

## 2.5 Realismo Fantástico e Psicologia

Rushdie (1981) utiliza o realismo fantástico para desvendar a complexidade da identidade e da memória, especialmente em contextos pós-coloniais onde as identidades são frequentemente fragmentadas e reconstruídas. Através de narrativas que entrelaçam o real e o fantástico, Rushdie explora como a memória individual e coletiva desempenha um papel



crucial na formação da identidade pessoal e nacional, muitas vezes revelando as tensões entre a história oficial e as experiências vividas.

Esquivel (1989), por sua vez, emprega o realismo fantástico para explorar as emoções humanas e suas manifestações físicas e metafísicas. Em sua narrativa, a comida não é apenas um elemento cotidiano, mas um veículo mágico de expressão e transferência emocional. Esquivel usa o mágico para ilustrar como as emoções reprimidas podem manifestar-se de maneiras surpreendentes e poderosas, afetando não apenas o indivíduo, mas também aqueles ao seu redor.

Morrison (1987) aborda o trauma e seus efeitos intergeracionais através do realismo fantástico, usando o sobrenatural para dar voz às histórias silenciadas pela história oficial. Morrison explora a memória traumática como uma presença quase tangível que assombra os personagens, mostrando como o passado não resolvido continua a moldar o presente de maneiras complexas e muitas vezes dolorosas.

Saramago (1991) usa elementos fantásticos para questionar a natureza da realidade e da percepção. Ao reescrever histórias conhecidas através de um prisma fantástico, ele desafia os leitores a reconsiderar suas próprias crenças e preconceitos, provocando uma reflexão sobre como as narrativas são formadas e sustentadas pelas sociedades.

Carter (1984) explora a liberdade e a identidade, particularmente a feminina, dentro de estruturas opressivas. Usando o circo como metáfora, ela cria um espaço onde o extraordinário se torna o cotidiano, permitindo que suas personagens desafiem as normas e explorem novas identidades. Este ambiente mágico serve como um contraponto ao mundo real, sugerindo que as verdadeiras cadeias são aquelas que são impostas socialmente e internamente aceitas.

Couto (1992) e Okri (1992) mergulham nas intersecções entre o real e o espiritual para investigar a resiliência e a sobrevivência. Couto usa o realismo fantástico para refletir sobre a devastação e a esperança em meio a uma guerra civil, enquanto Okri explora a fome, tanto física quanto espiritual, como uma jornada através de um mundo repleto de tanto horror



quanto beleza. Ambos os autores usam o fantástico para destacar a capacidade humana de encontrar significado e persistir apesar das adversidades extremas.

## 2.6 Comparação com Outros Gêneros Literários

Fischer (1967) nos lembra da importância da arte em refletir e moldar a consciência social, uma função que o realismo fantástico exerce ao questionar as percepções da realidade. Ao contrário do realismo, que se dedica a retratar a vida como ela é percebida no dia a dia, o realismo fantástico entrelaça o mágico para revelar verdades mais profundas sobre a condição humana, muitas vezes deixadas de lado em narrativas estritamente realistas.

Comparativamente, a fantasia tradicional se desloca para mundos inteiramente construídos, com sistemas de magia e sociedades que diferem significativamente do mundo real. Enquanto Carpentier (1987) e Okri (1992) incorporam o mágico de maneiras que ressoam com a realidade vivida e histórica, a fantasia muitas vezes serve como uma fuga completa dessa realidade, oferecendo uma grande distância entre as experiências do leitor e os eventos do livro.

O horror, por sua vez, compartilha algumas semelhanças com o realismo fantástico, especialmente na capacidade de provocar desconforto ou questionamento. No entanto, enquanto o horror frequentemente emprega o sobrenatural ou o grotesco para evocar medo e suspense, o realismo fantástico usa elementos similares com o objetivo de provocar reflexão ou iluminar aspectos ocultos da realidade humana. Autores como Carter (1984) e Couto (1992) utilizam o fantástico para explorar temas sociais e políticos, ao invés de apenas provocar terror.

Chiampi (1980) e Souza (2024) discutem o realismo mágico, que muitas vezes é confundido com o realismo fantástico, mas possui suas próprias nuances. O realismo mágico se caracteriza pela aceitação rotineira do sobrenatural dentro do mundo narrativo, enquanto o realismo fantástico pode causar estranhamento ou surpresa entre os personagens e leitores, mantendo uma tensão entre o conhecido e o desconhecido.



Saramago (1997), em sua obra, utiliza o realismo fantástico para explorar questões filosóficas profundas, misturando o histórico e o bíblico com o contemporâneo e o crítico, de uma forma que raramente é vista em gêneros como o realismo puro ou mesmo a fantasia. Sua abordagem destaca a capacidade do realismo fantástico de desafiar as expectativas do leitor e provocar questionamentos profundos sobre a fé, a autoridade e a moral.

Carvalho (1970), por outro lado, traz elementos do folclore brasileiro para o realismo fantástico, utilizando o gênero como uma ferramenta para celebrar a cultura local enquanto simultaneamente examina as tensões sociais. Essa mistura de real e fantástico permite uma representação mais rica e diversificada da vida brasileira do que seria possível em uma narrativa estritamente realista.

### 3 CONCLUSÃO

Um dos principais pontos de destaque é como o realismo fantástico consegue, de forma única, integrar o sobrenatural no cotidiano, fazendo com que o extraordinário seja percebido como uma parte natural e incontestável da realidade narrativa. Essa característica não apenas enriquece a trama, mas também intensifica a conexão emocional e cognitiva dos leitores com a obra, uma vez que desafia suas percepções e os convida a questionar a própria noção de realidade. Ao fazer isso, o gênero promove uma maior reflexão sobre as várias camadas da experiência humana e social.

Ademais, a capacidade do realismo fantástico de abordar temas contemporâneos significativos por meio de uma lente mágica ilustra sua relevância não apenas como uma forma de arte, mas como um comentário social e cultural. A inserção de elementos fantásticos em situações realistas permite a exploração de questões complexas de uma maneira que ressoa profundamente com os leitores, fornecendo insights sobre questões de identidade, conflitos sociais, injustiças históricas e as lutas diárias das pessoas.

Esta pesquisa também demonstrou que, enquanto o realismo fantástico é frequentemente associado a autores latino-americanos, sua influência e aplicação se estendem



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

muito além, permeando diversas culturas e linguagens literárias. Isso reflete a universalidade do gênero e sua capacidade de se adaptar e resonar em diferentes contextos culturais e históricos, oferecendo uma plataforma rica para o diálogo intercultural e a expressão criativa.

Por outro lado, a análise realizada lança luz sobre como o realismo fantástico desafia os escritores e leitores a repensarem as convenções narrativas e estilísticas. Este gênero incentiva uma abordagem mais experimental e inovadora à escrita, que não apenas captura a imaginação, mas também propõe novas formas de entender e interpretar o mundo. Através dessa abordagem, o realismo fantástico contribui significativamente para o desenvolvimento da literatura contemporânea, ampliando suas capacidades expressivas e temáticas.

Finalmente, a relevância do realismo fantástico se estende para além das páginas dos livros, influenciando outras formas de arte e mídia. Sua capacidade de entrelaçar o real com o fantástico de maneira significativa e provocativa faz com que seja uma fonte rica de inspiração para o cinema, a televisão e o teatro, demonstrando sua flexibilidade e impacto duradouro na cultura popular.

## REFERÊNCIAS

ALLENDE, Isabel. *A casa dos espíritos*. Tradução de Carlos Martins Pereira. São Paulo: Bertrand Brasil, 1982.

CARPENTIER, Alejo. *O reino deste mundo*. Tradução de Susana Schild. São Paulo: Revan, 1987.

CARTER, Angela. *Noites no circo*. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

CARVALHO, Jose Candido de. *O coronel e o lobisomem: romance*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1970.

CHIAMPI, Irlomar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

COSTA, Horácio. *José Saramago – O período Formativo*. Lisboa: Caminho, 1997.



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

COUTO, Mia. Terra sonâmbula. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ESQUIVEL, Laura. Como água para chocolate. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FISCHER, Ernst. A necessidade da arte: uma interpretação marxista. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MORRISON, Toni. Amada. Tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Record, 1987.

MURAKAMI, Haruki. Kafka à beira-mar. Tradução de Leiko Gotoda. São Paulo: Alfaguara, 2002.

OKRI, Ben. O caminho faminto. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Marco Zero, 1992.

RIBEIRO, C. Metacognição: um apoio ao processo de aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 1, 2003, p. 109-11.

RUSHDIE, Salman. Os filhos da meia-noite. Tradução de Ana Luiza Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1981.

SARAMAGO, José. O Evangelho segundo Jesus Cristo. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SOUZA, Warley. "Realismo mágico"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/realismo-magico.htm>. Acesso em 22 de abril de 2024.

*Recebido em: 30/03/2024*

*Aprovado em: 15/04/2024*

*Publicado em: 23/04/2024*